

Nota Técnica

**Aspectos do comportamento produtivo da
indústria brasileira em 2012**

Luiz Dias Bahia

Nº 8

Brasília, abril de 2013

Aspectos do comportamento produtivo da indústria brasileira em 2012

Luiz Dias Bahia¹

1 Introdução

A indústria brasileira vem passando por indefinições há dois anos. Uma delas é a possibilidade de retomar sua trajetória de crescimento iniciada em meados de 2003, interrompida brevemente em 2008, para se recuperar em 2010. Entretanto, o desempenho em 2011 e 2012 foi muito aquém da evolução recente. A questão central é se ela retomará o percurso ascendente em 2013 ou, ainda, analisando questões mais profundas, o que está faltando para que ela efetivamente o faça.

O objetivo central deste trabalho é lançar algumas luzes sobre essas duas questões, com os dados mais imediatamente disponíveis de desempenho conjuntural.

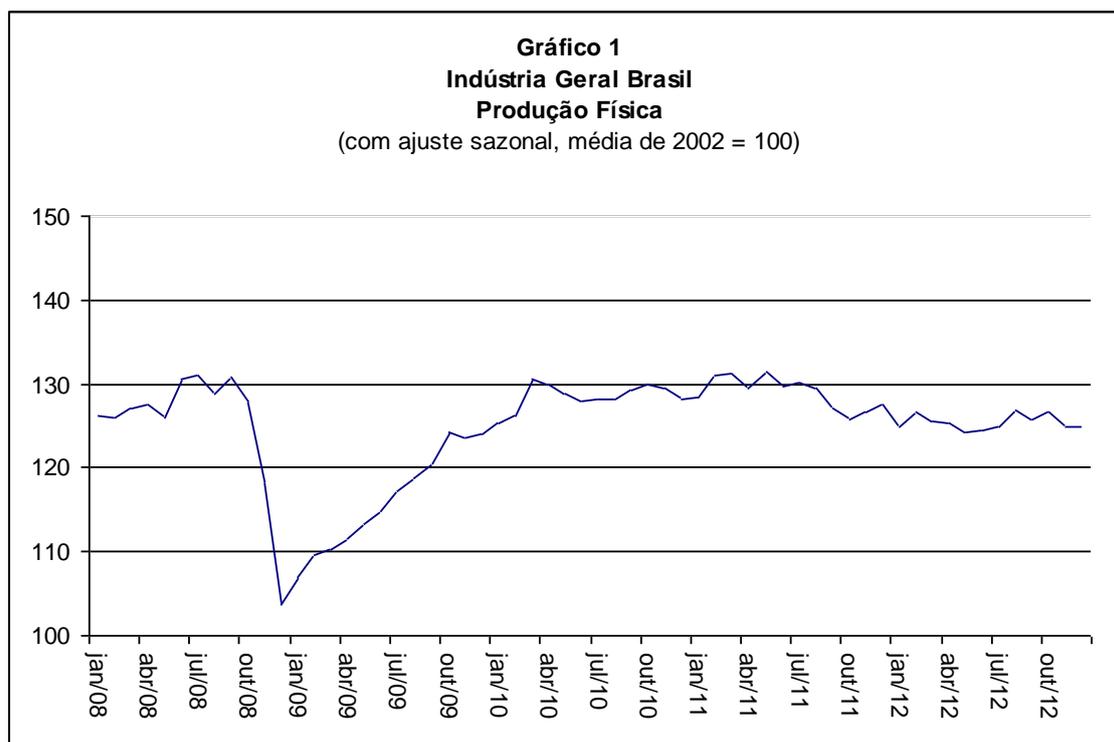
Na parte seguinte, descrevemos a evolução da produção industrial setorialmente. Depois, na terceira parte, apresentamos os resultados da Balança Comercial em 2013. Na quarta parte, apresentamos a evolução de pessoal ocupado na indústria e, na quinta, o comportamento do varejo. Finalmente, na última parte, concluímos.

2 Evolução da produção industrial em 2013.

2.1 *A evolução da Indústria Geral*

Abaixo, mostramos no Gráfico 1 o desempenho mais recente da Indústria Geral. Nota-se que, no período imediatamente antecedente à crise de 2008, a produção física da Indústria Geral havia crescido, em termos acumulados, 30% em relação a 2002. Entretanto praticamente perdeu-se todo esse crescimento entre outubro de 2008 e janeiro de 2009, ou seja, cerca de seis anos de crescimento foram perdidos em pouco mais de quatro meses. Apesar do radicalismo dessa reversão, a recuperação foi igualmente espetacular: em menos de um ano e meio, a produção física tinha voltado aos níveis pré-crise.

¹ Técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea na Diset.



Apesar desse percurso inusitado para toda evolução recente da indústria brasileira, o período seguinte não continuou o trajeto ascendente de recuperação desde meados de 2010. Os meses seguintes a junho de 2010, até dezembro de 2012, foram de modesto crescimento e, às vezes, de leve regressão. Esse último período sugere mais uma acomodação a um patamar de produção física cerca de 5% menor que o de pré-crise.

Esse é o quadro da indústria brasileira desde 2008. A pergunta importante hoje é a seguinte: o desempenho setorial de 2012 enseja a expectativa de volta do crescimento da produção física da indústria? É o que tentamos verificar nas partes seguintes dessa seção.

2.2 Complexo Metal-Mecânico

Na Tabela 1 a seguir, apresentamos a evolução da produção física nos subsetores do complexo metal-mecânico.

Tabela 1: variação da produção física (%), complexo metal-mecânico

Subsetores	2011	Trim I	Trim II	Trim III	Trim IV	2012
Extração de minérios ferrosos	4,05	-7,04	5,23	-4,54	8,34	-1,44
Extração de minerais metálicos não-ferrosos	-1,47	1,44	-1,38	2,14	-1,33	-1,97
Ferro-gusa, ferroligas e semiacabados de aço	-2,65	0,05	-0,26	-5,01	-1,41	-9,62
Laminados, relaminados e trefilados de aço	-0,56	4,35	-4,59	-2,27	-0,76	-2,57
Tubos de ferro e aço com costura, inclusive fundidos	33,17	-4,60	1,51	0,16	20,47	12,47
Metalurgia dos não-ferrosos	-0,58	2,29	-2,91	-5,79	4,45	-3,10
Peças fundidas de ferro	-0,17	7,22	-9,84	-4,40	-9,96	-14,77
Estruturas metálicas, obras de caldeiraria pesada, tanques e caldeiras	4,94	1,89	25,86	-1,80	-10,63	16,22
Artefatos de metal estampados, de cutelaria, de serralheria e de ferramentas	0,78	1,97	-1,84	-3,82	-2,07	-4,43
Embalagens metálicas	2,37	-2,35	-1,10	3,29	10,11	-1,30
Produtos diversos de metal	3,98	-1,58	-3,43	0,45	1,21	-6,58
Máquinas e equipamentos para fins industriais e comerciais	-2,10	2,19	-2,52	0,20	0,87	-4,23
Tratores, máquinas e equipamentos agrícolas, inclusive peças e acessórios	-4,41	6,10	-8,10	-6,44	8,19	1,88
Máquinas e equipamentos para extração mineral e para construção	9,76	8,28	-6,80	-18,48	-14,67	-18,12
Eletrodomésticos da "linha branca", exclusive fornos de micro-ondas	0,10	9,37	-1,87	4,14	0,90	12,00
Outros eletrodomésticos, exclusive aparelhos das "linhas branca" e "marrom"	6,16	0,31	-6,53	3,07	-3,53	-8,65
Equipamentos para produção, distribuição e controle de energia elétrica	-6,10	2,86	5,80	-2,55	-5,22	-8,34
Material elétrico para veículos	-2,19	2,60	-7,57	13,80	7,17	-6,56
Condutores e outros materiais elétricos, exclusive para veículos	-0,61	3,17	-6,73	-3,20	5,71	-1,11
Material eletrônico e aparelhos de comunicação	6,66	15,38	-12,56	-1,43	-5,08	-18,93
Eletrodomésticos da "linha marrom"	-5,99	-2,78	2,70	3,59	-4,95	-1,77
Automóveis, camionetas e utilitários, inclusive motores	-4,18	-2,53	3,35	8,60	-1,13	-2,64
Caminhões e ônibus, inclusive motores	18,40	-42,32	-3,48	11,79	9,93	-36,94
Carrocerias e reboques	5,86	-14,28	2,65	-13,02	1,99	-16,21
Peças e acessórios para veículos automotores	1,85	0,54	-1,07	-6,27	-2,02	-10,51
Construção de embarcações, inclusive reparação	-9,24	11,94	-1,29	2,16	2,69	11,46
Construção e montagem de vagões ferroviários, inclusive reparação	1,28	-9,78	-3,45	-3,98	-1,23	-5,15
Construção e montagem de aeronaves, inclusive reparação	6,00	9,11	10,33	4,58	-0,70	18,07
Outros veículos e equipamentos de transporte	15,52	-4,46	-14,57	-18,77	-0,92	-21,55

Foi feito ajuste sazonal no EViews 6. *TRIM = variação percentual em 2012 do trimestre em relação ao imediatamente anterior.

Fonte: PIM-PF do IBGE.

O crescimento de 2011 no complexo metal-mecânico foi heterogêneo e pontual. Os setores que cresceram foram pouco movidos por uma dinâmica endógena: vieram mais de estímulos da construção civil (*tubos de ferro e aço, estruturas metálicas, máquinas e equipamentos para construção*) ou de serviços de transporte (*caminhões e ônibus, carrocerias e reboques*). As exceções a esse quadro são alguns eletrodomésticos, materiais eletrônicos e aeronaves que, entretanto, sugerem movimentos muito pontuais para configurar um trajeto de crescimento equilibrado de todo complexo.

O crescimento de 2012 do mesmo complexo foi também heterogêneo e pontual, entretanto em grau mais acentuado, ou seja, há mais subsetores com retração. Isso nos leva a concluir um movimento de desaquecimento do complexo nesse ano. Os estímulos vindos da construção civil permaneceram, apenas com menos ênfase na sua formação bruta de capital fixo. Os eletrodomésticos da “linha branca” foram a boa novidade de crescimento do ano, provavelmente ligados aos estímulos fiscais. Estes, entretanto, não foram suficientes para estimular durante todo ano de 2012 o subsetor de automóveis, que fechou o ano com retração de produção. Embarcações e aeronaves, ao contrário, fecharam o ano com expressivo crescimento.

O quadro de 2012 parece ensejar duas conclusões para o complexo metal-mecânico: houve presença setorial significativa de retrações, entretanto, de pequena magnitude absoluta (uma exceção foram caminhões, devido a questões institucionais); os crescimentos pouco se difundiram na estrutura do complexo. Assim, o desempenho setorial do complexo sugere um quadro de acomodação a níveis de utilização de capacidade um pouco menores que os máximos de 2010.

É claro que isso não significa que o ano de 2013 será de estagnação, mas que a retomada, se ocorrer, provavelmente ocorrerá gradualmente ao longo do ano. O desafio, antes de buscar meras magnitudes absolutas de crescimento agregado, deveria estar voltado para um crescimento da estrutura setorial mais homogêneo e, portanto, mais sustentável.

2.3 Complexo Químico

Abaixo, na Tabela 2 em Anexo, apresentamos os dados do complexo químico.

Tabela 2: variação da produção física (%), complexo químico

Subsetores	2011	Trim I	Trim II	Trim III	Trim IV	2012
Extração de petróleo e gás natural	0,16	2,29	-3,91	-2,05	2,97	0,21
Refino de petróleo	2,91	1,38	1,62	0,67	-2,63	4,66
Produtos químicos inorgânicos	1,75	-1,36	-8,87	-0,34	-3,47	-8,84
Aubos, fertilizantes e corretivos para o solo	8,55	3,99	-0,59	-5,96	5,44	0,74
Petroquímicos básicos e intermediários para resinas e fibras	-6,95	6,62	-6,39	3,44	1,28	4,06
Resinas, elastômeros, fibras, fios, cabos e filamentos	-2,52	5,83	-4,91	2,09	-2,90	4,85
Defensivos agrícolas e para uso domissanitário	-15,26	9,16	-4,71	5,10	4,27	19,64
Sabões, sabonetes, detergentes e produtos de limpeza	0,83	1,14	1,27	-2,13	-1,85	1,27
Artefatos de perfumaria e cosméticos, exclusive sabonetes	-3,84	4,03	-3,83	2,07	-3,97	5,76
Tintas, vernizes, esmaltes, lacas, solventes e produtos afins	3,09	2,70	7,29	-5,14	-5,15	5,11
Produtos e preparados químicos diversos	-0,22	0,34	-0,15	0,72	-2,42	-1,68
Fabricação e recondicionamento de pneumáticos	-3,22	3,07	-8,51	-0,49	7,64	-6,92
Artefatos diversos de borracha	3,29	2,24	-0,21	7,17	-1,37	0,25
Laminados de material plástico	-7,82	4,89	-4,47	-4,23	-1,98	-6,75
Embalagens de material plástico	-1,93	-0,16	4,86	0,29	-2,74	0,33
Artefatos diversos de material plástico	0,49	0,80	-1,97	3,73	2,92	1,59

Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6. * TRIM= variação percentual em 2012 do trimestre em relação ao imediatamente anterior.

Fonte: PIM-PF do IBGE.

O desempenho do complexo químico é a boa novidade de 2012. Enquanto, se em 2011 o complexo como um todo cresceu pouco e pontualmente, com predominância de retração, o quadro de 2012 é totalmente diverso, apesar de não oposto: o refino voltou a crescer significativamente, para alimentar o expressivo e

homogêneo crescimento da petroquímica, que se estendeu da base até os setores mais finos, como cosméticos, tintas e vernizes.

É importante notar, entretanto, alguns pontos. A evolução da produção ao longo do ano foi entremeada de avanços e recuos, o que, para cadeias tão interdependentes como as desse complexo, é algo que chama a atenção e enseja aprimoramentos para 2013. Outro ponto significativo é que esse crescimento, que não é exportador, e por estar ligado fundamentalmente a setores de base, indica uma reação da base para as cadeias finais de um indício de retomada do crescimento. Como essa retomada não está expressa nos demais complexos atualmente, acreditamos que ela ocorreria menos no curto prazo e mais no médio prazo, de maneira gradual.

2.4 Complexo Têxtil

Na Tabela 3 abaixo, apresentamos os resultados do complexo têxtil.

Tabela 3: variação da produção física (%), complexo têxtil

Subsetores	2011	Trim I	Trim II	Trim III	Trim IV	2012
Beneficiamento, fiação e tecelagem de fibras textéis naturais	-17,20	7,38	-1,88	-1,30	3,74	-6,94
Fiação e tecelagem de fibras artificiais ou sintéticas	-10,65	-2,32	-1,89	2,88	-6,39	-10,87
Outros artefatos têxteis	-14,31	2,90	-2,74	-2,96	-2,97	-0,51
Preparação de couro e fabricação de artefatos	0,66	-0,25	0,81	-7,41	0,85	-5,18
Calçados	-12,57	15,04	-6,20	0,03	-6,68	-3,59

Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6. *TRIM= variação percentual em 2012 do trimestre em relação ao imediatamente anterior.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

Esse é o complexo de desempenho mais precário em 2011 e 2012. Tanto em um ano quanto no outro, o complexo retraiu em uníssono. Observando os desempenhos trimestrais, em nenhum subsetor houve avanços em dois trimestres seguidos ou em mais de um trimestre ao longo de todo ano de 2012.

Trata-se de um grupo de subsectores da indústria a merecer um estudo mais profundo, dada a retração que já atinge setores de base das suas cadeias.

2.5 Complexo Construção Civil

Na Tabela 4 abaixo, apresentamos os resultados para o complexo construção civil.

Tabela 4: variação da produção física (%), complexo construção civil

Subsetores	2011	Trim I	Trim II	Trim III	Trim IV	2012
Cimento e clínquer	2,53	2,77	-2,48	1,27	-0,21	2,52
Artefatos de concreto, cimento e fibrocimento	6,42	2,10	-4,57	-0,03	-1,04	-1,95
Produtos diversos de minerais não-metálicos	5,06	2,08	-2,01	-3,18	1,81	-0,92
Vidro e produtos de vidro, exclusive embalagens	-5,26	9,32	-14,05	8,62	-1,96	-6,83
Produtos da madeira	-0,72	7,29	-0,31	4,15	2,17	9,84

Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6. * TRIM= variação percentual em 2012 do trimestre em relação ao imediatamente anterior.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

No complexo construção civil, desde 2011 há uma queda acentuada da produção física de vidros e produtos de vidro, que se mantém em 2012. Acreditamos que tal se deva a uma participação maior da construção civil de infraestrutura no total da produção física da construção civil, e menos da construção

civil residencial, nos padrões de 2009 e 2010. Esse quadro se aprofunda em 2012, quando *artefatos*, na prática os pré-fabricados, também passam a perder crescimento em relação a 2011, uma vez que esses insumos são mais típicos das construções residenciais e menos da infraestrutura, cujos projetos são bem menos padronizáveis. Essa perda de importância dos pré-fabricados se torna ainda mais patente se observarmos o crescimento expressivo de uso de *madeira*: em construção residencial seu uso tem se reduzido ao longo dos anos, seja pelos escoramentos metálicos, seja pelas formas de material pré-fabricado, o que é mais difícil de ocorrer nas construções de infraestrutura.

2.6 Complexo Agroindústria

Na Tabela 5 abaixo, encontramos o desempenho da agroindústria.

Tabela 5: variação da produção física (%), complexo agroindústria

Subsetores	2011	Trim I	Trim II	Trim III	Trim IV	2012
Abate de bovinos e suínos e preparação de carnes	3,09	-3,09	0,20	0,26	2,15	-2,91
Abate de aves e preparação de carnes	1,98	-0,38	-3,03	0,14	5,10	-6,01
Conservas de frutas e legumes, molhos e condimentos	0,74	-12,16	7,80	-4,14	0,67	-1,44
Sucos e concentrados de frutas	-12,96	25,29	-37,61	-16,23	18,28	6,95
Óleo de soja em bruto, inclusive tortas, farinhas e farelos	-7,15	0,13	-8,12	-5,23	-7,60	-4,11
Refino de óleos vegetais e fabricação de margarinas	-1,74	-6,09	2,08	-7,12	-3,00	-4,14
Resfriamento e preparação do leite e laticínios	-0,64	-1,25	-0,53	-0,57	-1,52	-1,48
Beneficiamento de arroz	3,61	-0,93	0,43	-2,73	-6,37	-0,73
Moagem de trigo	2,30	-2,42	9,15	-4,21	1,61	4,91
Fabricação de café	1,49	-7,19	3,27	-3,35	3,22	-1,32
Alimentos para animais	2,35	-1,06	-4,62	-4,04	0,39	-6,95
Fabricação e refino de açúcar	-7,56	23,54	-29,30	51,08	22,03	-0,25
Outros produtos alimentícios	2,99	-1,15	-1,70	1,13	0,18	1,02
Álcool	-12,10	21,51	-23,45	53,08	10,62	-0,17
Celulose e pasta para fabricação de papel	0,71	1,24	-0,04	0,66	0,44	1,38
Papel, papelão liso e cartolina	0,45	-0,14	-1,06	-0,86	3,78	1,97
Material de embalagem de papel, papelão e cartão	3,99	-3,24	-0,35	0,49	1,01	-1,03

Foi feito ajuste sazonal no EVIEWS 6. * TRIM= variação percentual em 2012 do trimestre em relação ao imediatamente anterior.
Fonte: PIM-PF do IBGE.

Nesse complexo, o quadro é de desaceleração de processamento em 2012, comparado a 2011. Por um lado, preços e demandas internacionais vêm desacelerando ao longo de 2012, comparado com o ano anterior. Por outro lado, a safra de 2012 foi menor que a de 2011, em geral. Finalmente, a incorporação marginal da população ao que seria uma classe média provavelmente se arrefeceu, uma vez que praticamente já se atingiu em 2012 um nível de desemprego bastante baixo para a série histórica dos últimos anos.

3 Balança Comercial em 2012

Na Tabela 6 abaixo, apresentamos as variações reais (descontada a inflação em dólares) das exportações e importações brasileiras em relação ao ano imediatamente anterior.

Tabela 6: variação real de fluxo de comércio exterior (%), balança comercial Brasil

Grupos de Produtos	Imp	Exp	Imp	Exp	Imp	Exp
	2010	2010	2011	2011	2012	2012
PRODUTOS ALIMENTICIOS E ANIMAIS VIVOS	5,80	15,61	-2,41	-3,43	9,39	13,71
ANIMAIS VIVOS, EXCETO PEIXES	-73,69	25,14	-14,81	-39,24	-59,89	23,60
CARNE E PREPARADOS DE CARNES	-5,25	1,65	11,50	-1,00	31,37	3,47
PRODUTOS LACTEOS E OVOS DE AVES	-6,95	-14,56	38,99	-28,34	5,33	10,14
PEIXES, CRUSTACEOS, MOLUSCOS, ETC. E SUAS PREPARACOES	16,91	-11,18	23,04	14,47	5,64	7,81
CEREAIS E PREPARACOES DE CEREAIS	2,17	41,94	-5,24	4,98	11,00	76,05
LEGUMES E FRUTAS	36,55	-5,12	5,96	-1,16	2,52	-3,24
ACUCARES, PREPARACOES DE ACUCAR E MEL	47,32	14,99	16,31	-9,49	25,11	-4,08
CAFE, CHA, CACAU, ESPECIARIAS E SUAS PREPARACOES	-19,78	8,38	-15,27	0,30	40,55	-14,85
ALIMENTOS PREPARADOS P/ANIMAIS, EXCETO CEREAIS SEM MOER	-1,43	10,11	-8,96	1,53	-12,30	-0,14
PRODUTOS E PREPARACOES COMESTIVEIS DIVERSOS	14,03	58,09	17,13	-57,41	-1,09	-27,81
BEBIDAS E FUMO	29,73	-22,75	15,65	5,73	3,21	17,45
BEBIDAS	29,88	-12,09	23,38	-2,80	3,04	19,87
FUMO E SEUS PRODUTOS	28,68	-25,06	-45,15	7,91	6,14	16,89
MATERIAS PRIMAS NAO COMESTIVEIS, EXCETO OS COMBUSTIVEIS	42,51	16,09	2,84	6,53	1,72	-1,18
COUROS, PELES E PELES FINAS, SEM CURTIR	33,98	17,70	-54,87	-79,32	23,72	131,26
SEMENTES E FRUTOS OLEAGINOSOS	32,19	1,52	-50,53	13,57	284,52	-0,30
BORRACHA EM BRUTO, INCL. BORRACHA SINTETICA E REGENERADA	35,21	-12,40	-7,06	6,12	-8,21	-9,39
CORTICA E MADEIRA	10,72	8,96	-7,55	-6,76	-18,88	-2,75
PASTA E DESPERDICIOS DE PAPEL	14,57	2,46	-5,65	1,22	3,08	0,33
FIBRAS TEXTEIS E DESPERD. N/MANUFATUR. EM FIOS OU TECIDOS	37,38	0,18	82,92	39,47	-61,91	35,89
ADUBOS E MINERIAIS, EM BRUTO, EXC. PETROLEO, CARVAO, ETC.	51,48	13,80	5,28	-8,51	4,95	-9,36
MINERIOS E DESPERDICIOS DE METAIS	31,45	18,16	-0,85	6,32	-15,17	-1,28
PRODUTOS ANIMAIS E VEGETAIS EM BRUTO, NAO ESPECIFICADOS	10,23	20,51	8,37	-4,41	9,32	7,52
COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES, MINERAIS E PRODS.CONEXOS	27,79	12,15	4,28	-2,95	-7,92	-2,69
HULHA, COQUE E BRIQUETES	34,28	-20,22	13,80	-	-16,93	-99,28
PETROLEO, PRODUTOS DERIVADOS DE PETROLEO E PRODS.CONEXOS	21,29	12,18	4,15	-3,28	-8,14	-3,01
GAS NATURAL E MANUFATURADO	41,23	-62,75	-11,74	-	13,05	309,64
ENERGIA ELETRICA	27,28	-24,45	-46,43	11,76	93,32	-21,05
OLEOS, GORDURAS E CERAS DE ORIGEM ANIMAL E VEGETAL	16,78	-1,16	8,06	13,35	7,20	0,71
OLEOS E GORDURAS DE ORIGEM ANIMAL	-20,25	14,02	7,57	-46,82	-38,96	61,91
OLEOS E GORDURAS DE ORIGEM VEGETAL, EM BRUTO OU REFINADO	20,02	-3,02	7,92	14,12	7,32	1,75
CERAS E OUTROS OLEOS/GORDURAS DE ORIGEM ANIMAL/VEGETAL	16,60	51,73	9,39	8,21	26,38	-25,12
PRODUTOS QUIMICOS E PRODUTOS CONEXOS	33,70	-9,47	24,37	4,37	-6,63	5,40
PRODUTOS QUIMICOS ORGANICOS	26,54	-21,25	25,36	-5,11	-10,79	23,02
PRODUTOS QUIMICOS INORGANICOS	21,54	31,03	7,26	54,64	0,21	-20,66
MATERIAS TINTORIAS, TANANTES E CORANTES	40,72	16,30	-1,85	5,32	2,33	-0,39
PRODUTOS MEDICINAIS E FARMACEUTICOS	12,38	4,38	2,06	-3,40	3,44	-12,58
OLEOS ESSENCIAIS, PRODUTOS DE PERFUMARIA E TOUCADOR	31,15	11,42	16,47	-8,57	8,90	4,38
ADUBOS OU FERTILIZANTES, MINERAIS OU	42,16	29,54	34,27	-6,06	-8,84	-19,63

Grupos de Produtos	Imp	Exp	Imp	Exp	Imp	Exp
	2010	2010	2011	2011	2012	2012
QUIMICOS						
PLASTICOS EM FORMAS PRIMARIAS	26,25	-14,97	13,90	12,47	-7,79	-1,73
PLASTICOS EM FORMAS NAO PRIMARIAS	38,47	4,33	5,90	2,22	14,00	-14,03
MATERIAS E PRODUTOS QUIMICOS DIVERSOS	28,98	12,92	1,12	4,51	8,39	6,06
ARTIGOS MANUFATURADOS, CLASSIFICADOS SEGUNDO O MATERIAL	95,62	-2,89	-2,54	13,14	-0,30	-6,37
COURO, MANUFATURAS DE COURO E PELES FINAS CURTIDAS	-11,36	9,42	-44,64	1,18	-53,16	12,58
MANUFATURAS DE BORRACHA, DIVERSAS	62,28	12,50	12,96	1,22	-9,44	-14,40
MANUFATURAS DE CORTICA E DE MADEIRA, EXCETO MOVEIS	21,87	-5,90	11,29	-6,35	-32,58	10,15
PAPEL, CARTAO E ARTIGOS DE PAPEL OU DE CARTAO	38,38	3,28	-3,19	-1,06	-4,07	-8,63
FIOS, TECIDOS,ARTIGOS CONFEC.DE FIBRAS TEXTEIS/CONEXOS	34,09	5,08	-4,70	-9,07	3,32	-11,27
MANUFATURAS DE MINERAIS NAO METALICOS	118,90	-1,98	42,74	-4,07	2,91	-0,26
FERRO E ACO	149,29	-3,57	-35,08	24,34	-0,43	-8,69
METAIS NAO FERROSOS	41,89	-19,34	16,80	-6,37	-7,37	-9,54
MANUFATURAS DE METAIS, DIVERSAS	73,47	8,31	19,53	-1,51	3,23	10,08
MAQUINAS E MATERIAL DE TRANSPORTE	55,13	33,46	16,08	8,89	-4,08	-4,12
MAQUINAS E EQUIP. GERADORES DE FORCA, SUAS PARTES E PECAS	47,74	47,57	16,19	13,00	14,06	-6,61
MAQUINAS ESPECIAIS PARA A INDUSTRIA, SUAS PARTES E PECAS	60,87	56,23	23,04	19,41	0,71	-4,22
MAQUINAS PARA TRABALHAR METAIS,SUAS PARTES E PECAS	38,50	-17,09	23,92	4,65	3,44	1,70
MAQUINAS E EQUIP. INDUSTR.DIVERSOS, SUAS PARTES E PECAS	75,80	28,80	2,12	5,57	-1,43	-3,82
MAQUINAS P/ESCRITORIO/PROCESS. DADOS, SUAS PARTES E PECAS	25,17	8,18	4,29	-9,30	-11,40	-30,37
APARS, EQUIP. P/ TELECOM. GRAV/REPROD. SOM, SUAS PARTES/PECAS	79,31	10,83	12,13	1,77	-2,83	-21,96
MAQUINAS E APARS. ELETRICOS, DIVERSOS, SUAS PARTES E PECAS	38,74	1,64	10,65	-11,08	-4,33	-13,02
VEICULOS AUTOMOVEIS, TRATORES,ETC.SUAS PARTES E PECAS	50,22	37,61	25,51	8,12	-10,72	-11,60
OUTROS EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE, SUAS PARTES E PECAS	74,57	-13,06	-0,97	19,23	7,65	144,43
ARTIGOS MANUFATURADOS DIVERSOS	32,19	3,53	15,56	-9,13	5,01	1,65
ARTS. SANITARIOS, DE ILUMINACAO, CONDUZ/CALEF. DE AGUA, ETC.	40,47	-27,06	60,60	5,68	15,57	32,65
MOMEIS E SUAS PARTES, CAMAS, COLCHOES E SEMELHANTES	75,51	1,48	21,97	-12,40	20,23	0,19
ARTIGOS DE VIAGEM, BOLSAS E OUTROS ARTIGOS SEMELHANTES	47,33	-36,48	20,69	-2,09	-15,32	-9,61
VESTUARIO E SEUS ACESSORIOS	33,08	-4,50	23,91	-6,77	16,56	0,08
CALCADO	6,75	11,52	10,49	-16,20	11,00	-5,61
INSTRUM. E APARS. PROFISSIONAIS, CIENTIFICOS, CONTROLE, ETC.	16,07	9,28	-3,24	1,77	-0,49	-10,22
EQUIPAMENTOS FOTOGRAFICOS, ARTIGOS DE OTICA E RELOJOARIA	13,73	9,73	-0,39	-8,02	-4,42	5,93
ARTIGOS MANUFATURADOS DIVERSOS	28,57	15,36	12,42	-0,32	3,63	3,00

Fonte: SECEX – MDIC. Elaboração própria.

O primeiro aspecto a se observar é que há queda paulatina de importações de 2010 a 2012 em quase todas as categorias de grupos de produtos. Como houve desemprego significativo em 2009 e em 2011 a

economia desacelerou em relação a 2010, tal comportamento parece compreensível. O comportamento de 2012 já nos parece de esgotamento do crescimento da preferência dos consumidores por importações de consumo, além de uma desaceleração do PIB ou, até, de algum efeito marginal de certa desvalorização cambial.

As exportações apresentam um quadro de desaceleração desde 2011 que continua em 2012, exceto nos produtos da agropecuária e agroindústria de maneira geral. Aparentemente, acreditamos que dois fatores seriam os determinantes desse movimento: algum efeito cambial (de menor importância, uma vez que sua alteração real nos últimos dois anos foi pouco acentuada) e desaceleração do comércio internacional.

A importação de vestuário e calçados apresentou alto crescimento real desde 2010, mas em trajetória cadente em 2011 e 2012, exceto para calçados. A importação de *fios e tecidos de fibras têxteis* cresce fortemente em 2010 (34,09%), para cair depois, principalmente em 2012.

Em síntese, nota-se que as importações em 2011, e principalmente em 2012, não cresceram significativamente em termos reais. O adverso para a Balança Comercial brasileira foi a queda expressiva e crescente das exportações, concentrada em produtos industriais. Este último movimento parece-nos estar ligado principalmente à desaceleração da economia mundial, salvo questões específicas de relacionamento internacional.

4 Evolução de Pessoal Ocupado

Em Anexo, apresentamos a Tabela 7, sobre Pessoal Ocupado na indústria brasileira.

Tabela 7: variação de pessoal ocupado (%), indústria brasileira

Setores	2011	2012
Indústria geral	1,04	-1,36
Indústrias extrativas	3,63	3,77
Indústria de transformação	0,97	-1,49
Alimentos e bebidas	2,91	3,85
Fumo	-4,62	-4,75
Têxtil	-1,07	-5,87
Vestuário	-3,22	-8,86
Calçados e couro	-4,90	-6,16
Madeira	-9,14	-8,01
Papel e gráfica	-7,50	-3,54
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	0,22	-1,37
Produtos químicos	0,77	1,01
Borracha e plástico	-0,93	-1,64
Minerais não-metálicos	0,49	-0,10
Metalurgia básica	3,75	-3,61
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	2,19	-3,17
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos. Eletrônicos, de precisão e de comunicações	3,67	1,10
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	6,10	-0,69
Fabricação de meios de transporte	6,87	-1,47
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	4,21	-2,83

Foi feito ajuste sazonal pelo EViews 6.

Fonte: PIMES do IBGE.

Nota-se em 2011 uma tendência marginal a empregar, enquanto em 2012 há uma tendência marginal a desempregar, em magnitudes coerentes com a acomodação ocorrida.

Os únicos setores a manterem tendência significativa de emprego em 2011 e 2012 são: *alimentos e bebidas, produtos químicos, e máquinas e equipamentos (exclusive elétricos e eletrônicos)*. O primeiro setor não passa de fato por uma desaceleração ou necessidade de ajuste produtivo. O segundo confirma o bom desempenho descrito acima do complexo químico. E o terceiro certamente se deve a bens de capital para construção ou agrícolas, aqueles mais relevantes nesses dois anos.

Há um grupo de setores com tendência forte de desemprego em 2011 e 2012: *têxtil, vestuário, calçados e couro, madeira, papel e gráfica*. Os quatro primeiros são intensivos em trabalho e vêm sendo objeto de desoneração nos impostos voltados para a mão-de-obra. A conclusão mais evidente é que tal desoneração não tem resguardado o número de postos de trabalho. Uma dúvida seria a seguinte: está havendo uma reestruturação produtiva nesses setores? Responder a isso vai além do escopo do presente trabalho. Finalmente, o último setor é intensivo em trabalho apenas nas gráficas, onde provavelmente o problema dos outros quatro setores é semelhante.

Enfim, ficaria a pergunta, a ser analisada em estudos mais específicos: estaria a indústria em um movimento de ajuste semelhante ao ocorrido na década de 1990, quando se procurou primeiro ajustes administrativos e de processo de trabalho, para depois se ter uma iniciativa mais expressiva de investimento?

5 O comportamento do varejo.

Na Tabela 8 em Anexo, mostramos a variação de volume de vendas no varejo brasileiro.

Tabela 8: variação de volume de vendas no varejo (%), Brasil

Segmentos	2011	Trim I	Trim II	Trim III	Trim IV	2012
Total	6,58	3,94	0,79	2,23	0,94	8,41
Combustíveis e lubrificantes	-7,00	2,05	2,68	3,47	-0,29	6,55
Hipermercados e supermercados	-4,89	7,49	-1,27	1,41	1,05	8,93
Tecidos, vestuário e calçados	-4,76	2,25	1,48	2,96	-1,10	3,28
Móveis e eletrodomésticos	6,35	3,76	1,41	2,86	2,09	12,24
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	0,25	3,52	3,55	2,12	-0,67	10,07
Livros, jornais, revistas e papelaria	-3,48	-0,57	-1,52	5,12	4,98	5,45
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	6,97	2,95	-4,92	0,20	-1,65	9,55
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-4,82	4,95	0,11	2,34	5,92	9,19
Veículos, motos, partes e peças	-2,25	-0,91	9,24	3,25	-1,83	6,60
Materiais de construção	0,00	4,53	-0,62	0,21	3,65	7,58

Trim I = variação percentual de Produção Física no primeiro trimestre de 2012 em relação ao primeiro de 2011.

Trim II = variação percentual de Produção Física no segundo trimestre de 2012 em relação ao segundo de 2011.

Trim III = variação percentual de Produção Física no terceiro trimestre de 2012 em relação ao terceiro de 2011.

Trim IV = variação percentual de Produção Física no terceiro trimestre de 2012 em relação ao terceiro de 2011.

Séries com ajuste sazonal.

Fonte: PMC do IBGE.

O que chama atenção é o seguinte: o varejo, em todas as suas categorias, cresceu em uníssono, durante 2012, e não em 2011. Uma possível explicação seria a de que em 2011 houve uma desaceleração em relação em 2010, ano excepcional para vendas, sendo o ano de 2012 de crescimento ante o ajuste anterior.

De qualquer maneira, não se poderia afirmar, com os dados da Tabela 8, que há um esgotamento (seja por inadimplência, seja por saturação de consumo) das compras no varejo. Elas continuam crescendo, e mais em 2012 que em 2011. Nota-se a reação expressiva de *móveis e eletrodomésticos*, além de *veículos automotores*, em 2012, frente a 2011. De fato, os incentivos fiscais devem ter atuado – mas nota-se que as magnitudes de 2012 são muito maiores que o aumento de produção física nos subsetores respectivos, logo deve ter havido alguma queima de estoques anteriores.

Chama a atenção o recuo profundo de vendas em 2011 e 2012 em *vestuário e calçados*. É importante enfatizar que isso inclui vendas de produtos importados e nacionais. Ou seja, no mínimo percebe-se por que o complexo têxtil vem em desempenhos tão pouco favoráveis. Entretanto, dada a dimensão dos recuos e sua persistência (dois anos), explicações menos conjunturais deveriam ser buscadas. Por um lado, talvez haja uma mutação significativa da demanda doméstica. Por outro lado, a demanda pode não apenas estar mudando internamente dentro desses setores, como *inter setores* (o brasileiro pode estar alocando renda para comprar outros bens em detrimento de vestuário e calçados). Enfim, como já escrito acima, esse complexo merece um entendimento e estudo mais detalhado, como orientação para a iniciativa empresarial em si.

Finalmente, deve-se observar que as variações trimestrais raramente foram negativas ao longo de 2012, em todas as modalidades do varejo. Esse quadro, claramente, nada tem de tendência recessiva, mas de uma acomodação suave com um arranjo gradual à recuperação.

6 Conclusão.

Na Tabela 9 abaixo, observamos o quadro de utilização de capacidade da indústria.

Tabela 9: nível médio anual de utilização de capacidade instalada (%), indústria brasileira

	1973	2010	2011	2012
Indústria de transformação*	89,75	84,75	84,02	83,93
Bens de consumo	87,50	85,42	83,23	84,35
Bens de capital	90,00	83,41	84,37	82,24
Material de construção	91,00	90,12	89,12	87,47
Bens intermediários	91,25	85,80	85,51	84,93

*Para o ano de 1973 a rubrica dos dados utilizados é de Indústria Geral.

Fonte: FGV-RJ

Na tabela acima, notamos que a utilização de capacidade instalada na indústria de transformação em 2010 já tinha atingido níveis semelhantes ao auge do Milagre Econômico brasileiro da década de 1970, principalmente para *bens de consumo* e *material de construção*. Esses são setores muito sensíveis ao aumento da renda e do emprego (no caso do primeiro) e das obras de infraestrutura e residenciais (no caso do segundo). Assim, o problema de crescimento do PIB e do investimento em infraestrutura, antes de recursos (que existem, segundo fontes oficiais), é de capacidade instalada. Essa restrição, entretanto, teria dois grupos de solução. No caso dos bens de consumo, ter-se-ia que aumentar as importações ou aumentar a capacidade instalada (o aumento de produtividade sozinho nos parece insuficiente para

sustentar o crescimento econômico no médio prazo em patamares elevados); entretanto, o aumento de importações é pouco indicado, a não ser que tivéssemos a segurança de influxos de capital suficientes no longo prazo. Quanto aos materiais de construção, o aumento de capacidade instalada é bem lento (apesar de ter que ser feito), sendo mais provável que haja de imediato uma substituição de construções residenciais urbanas por obras de infraestrutura.

O quadro em 2012 continua muito semelhante ao de 2010, houve apenas uma acomodação. Os indicadores conjunturais apontam para uma reação lenta do investimento, ainda muito centrada em modernização.

Assim, a tarefa mais imediata dos gestores econômicos poderia centrar-se em dissolver focos setoriais de incerteza e avançar nas obras de infraestrutura (mesmo que com o sacrifício das outras construções, aliás, já desaceleradas por si mesmas atualmente).

Acreditamos que a retomada parece tender a ocorrer de maneira mais gradual, uma vez que envolve esforços sociais mais profundos que os ocorridos no período 2003-2008.